

Sobre o nada ou quase tudo: deslizando no chão.

Adrienne Ogêda Guedes¹

"O que eu gostaria de fazer é um livro sobre nada. Foi o que escreveu Flaubert a uma sua amiga em 1852. Li nas Cartas exemplares organizadas por Duda Machado. Ali se vê que o nada de Flaubert não seria o nada existencial, o nada metafísico. Ele queria o livro que não tem quase tema e se sustenta só pelo estilo. Mas o nada de meu livro é nada mesmo. É coisa nenhuma por escrito: um alarme para o silêncio, um abridor de amanhecer, pessoa apropriada para pedras, o parafuso de veludo, etc., etc. O que eu queria era fazer brinquedos com as palavras. Fazer coisas desúteis. O nada mesmo. Tudo que use o abandono por dentro e por fora." (Manoel de Barros – Livro sobre o nada - 1997)

“As Coisas inúteis (ou ‘in-úteis’) são a própria finalidade da vida. / Vivemos num mundo contra a vida. A verdadeira vida. Que é feita de júbilo, liberdade e fulgor animal. / (...) A poesia é o princípio do prazer no uso da linguagem. E os poderes deste mundo não suportam o prazer. (...)” (Leminsky - Ensaios e anseios críticos - 2012)

A bem pouco tempo fui assistir ao espetáculo “A rainha e o lugar” da bailarina e coreógrafa Andrea Jabor (poderia acrescentar aqui também que ela é uma brincante, das boas!). No final da apresentação, ela deixa que transborde a água dos vários bules com os quais dança. O chão fica molhado. Muito. Ela dá uma volta, sorri para o público e ... desliza, desliza, desliza. As crianças, na primeira fila do teatro, entram em êxtase! Risos, seus corpos se agitam. Água, deslizar, liberdade de brincar com o corpo naquele espaço que nos coloca na condição de expectadores. Nós, os adultos, também nos soltamos em risos frouxos... e as memórias emergiram com o convite da bailarina. Banhos de mangueira no quintal, com sabão para escorregar (sob o pretexto de “lavar a varanda”), banhos de chuva, de rio, de mar. A sensação de alegria e prazer com o contato do corpo com a água, com a brincadeira de descobrir um jeito de impulsionar o corpo e ir longe, bem longe... “a verdadeira vida!”, como nos diz Leminski na epígrafe desse texto. Feita de sensações, prazeres, descobertas e experimentações. Experiências que não precisam de justificativa para serem vividas porque são elas a própria finalidade da vida.

É sobre isso que esse pequeno texto quer tratar: sobre a importância de levarmos em conta no trabalho com as crianças da Educação Infantil as experiências que nos impulsionam, que nos constituem, que nos permitem conhecer a vida, ao outro, a nós

¹ Professora Adjunta da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, coordenadora adjunta dos cursos de Especialização e Extensão em Educação Infantil do convênio MEC/Unirio. Especialista em Educação Infantil (PUC/RJ) e Alfabetização (UFRJ), pesquisadora do campo da formação estética de professores.

mesmos. Toda a educação começa com o sensível, começa no corpo. Nos inícios, quando somos bebê, um mundo de sensações nos invade – fome, dor, sono, sede, desconforto – vão sendo nomeadas, vão ganhando sentidos na relação com os adultos com os quais nos relacionamos. Vamos seguindo e ampliando nossa relação com o mundo a nossa volta. Cores, texturas, temperaturas, sabores, aromas. Alegria, tristeza, cansaço, dor. Aprendemos sobre esse mundo no estreito contato sensorial com ele e com as possibilidades e limites que as nossas experiências culturais nos impõem.

Para aprender é preciso se lançar à experiência de sentir, de experimentar. As mãos precisam tocar, o corpo experimentar seus limites e possibilidades. Mexer, manipular, correr, arrastar, se encolher, se esticar. Como temos (ou não) garantido em nossas instituições de educação Infantil, em nossas creches, o espaço para as experiências significativas? De que forma o tempo premido pelas rotinas enrijecidas e aceleradas atropela o tempo da experiência, do sentir, da descoberta? De que maneira os espaços físicos e o modo como os organizamos e os habitamos favorece e amplia as possibilidades de vivências variadas? Como temos compreendido o que é específico do trabalho na Educação Infantil, e aqui quero chamar atenção para nosso entendimento do que é aprender para crianças de 0 a 5 anos e qual a identidade das instituições voltadas para esse segmento?

Por um lado, temos avançado na promulgação de leis e publicação de documentos oficiais que procuram traçar uma política pública de boa qualidade para a educação infantil (Gobbi e Pinazza, 2014, pag. 12), sobretudo, a partir da década de 1990. Tais orientações indicam entre os fundamentos norteadores para o trabalho nas propostas de qualidade para a Educação Infantil os princípios *estéticos* e o entendimento de que a educação precisa estar comprometida com o respeito às manifestações das múltiplas linguagens das crianças, garantindo a meninos e meninas espaços e meios para suas expressões. Por outro lado, os relatos do cotidiano de creches e pré-escolas cariocas são repletos de situações tensas que dificultam, quando não impedem, que essas perspectivas sejam consideradas, efetivamente.

Com relação aos limites e desafios concretos, vemos professores que ficam por longos períodos sozinhos com mais de 20 crianças de 3, 4 anos. Atividades simples como lavar as mãos antes de uma refeição, dentre outras, são feitas apressadamente, sem sabor, sem leveza. Com relação às próprias práticas que envolvem as expressões infantis, ainda é muito frequente a distribuição de cópias de desenhos estereotipados para que as crianças coloram, os murais cuja marca das crianças não está presente, o controle exacerbado dos corpos, o pouco contato com espaços mais amplos e experiências com materiais mais criativos e sem compromisso com um produto final.

São desafios que ainda estão presentes em nossas instituições. O desafio de deixar a vida entrar. De saborear o tempo vivido com as crianças. De permitir que se sujem, se alimentem com calma, vivenciem experiências de corpo inteiro. Sentem no chão, brinquem no chão, rolem na simplicidade do chão, que nos apoia, nos abriga e permite ao corpo tantos movimentos. Deslizem e deslizem pelo chão dos pátios, como todos nós um dia deslizamos. Para nada. Ou para tudo.